

161
Folha de trevo.

Dos annos meus, em vão, te procurei
pela vegetal em flor, folha mimosa,
folha de trevo, mystica, preciosa,
Cruz d'esmeraldas que a sentar, beijos.

Laboradoras mãos affins cancei;
te cancei meus d'hor, o

Naufragio

Vamos
de flores
Solta-me
Solta-me
Solta-me

Gazeta Orleanense

Naufragio

«—Vamos, o coração disse-me um dia;
De flores é o mar das esperanças:
Solta-me, irei por essas aguas mansas,
A' região dos Sonhos, da Poesia.

Soltei-o; e bem feliz o conduzia
Sem cogitar de subitas mudanças;
Sem ter saudades, sem levar lembranças
De melhor tempo, d'outras alegrias.

—Vogar! Vogar! — as ondas murmuravam;
Lindas aleyones pelo ar passavam..
E todo o Céu de rosas s'enflorou.

Mas, subito, escurece, ruge a vaga..
E bem distante da risonha plaga
O meu fragil barquinho naufrago!
o meu pobre barquinho

Delminda SLVEIRA.

Sagrada missão

I

Morria a tarde, as amas suspiravam,
Do nosso amor, relendo as phrases caras
Tu vi que muitas lagrimas amaras
Da tua lettra os traços apagavam.

Desses despojos tristes que restavam,
Das flores que em tua alma cultivavas
Juntas as fret' das delicadas, raras,
Que as chammas logo em cinza transfor-
mavam.

E desci ao jardim: mais que outras flores,
Saudades fui sem fim, junto de amores,
Por entre espinhos d'uma rosa sem ramos.

Ahi, da terra nas entranhas frias
Eu misturei o pó das alegrias
Nos germens das saudades carinhosas.

II

Passou-se o tempo; brando sol morria:
Eu voltei ao jardim dos meus amores,
Mais que de rosas, mais que d'outras flores.

Meu jardim de saudades se ceibia.

— Brancas e roxas —, de melancholia.
Estas mostravam os' fúnebres amargores;
Aquellas outras de mais leves cores
Eram os sorrisos mortos d'alegria.

Do mouro amor a cinza abençoada,
Do prur amargo pranto fecundada,
Naquelle instante de tristezas fôr,

E ali, no meu cantileiro predilecto
O' memorar o mouro termo afficto
Ló de saudades vê-se um bello agorão.

Sonho de amor

tos...

Lamento.

Quasi ruínas!... Triste, silencioso
Templo que gloria foste d'outros dias!
Flôres, incenso, brilhos, harmonias.
O sonho fôram d'um porvir ditoso!

E quanta páz, e que sereno gozo
n'aquellas puras, simples, alegrias!...
Quanta esperança e fé nas romarias
dos peregrinos do Ideal formoso!...

Oh! Como é triste... Coração fechado,
Templo de Amor, agora abandonado
no silencio das grandes solidades,

Romeiro do passado, á tua porta,
Venho chorar minha esperança morta,
Venho depôr um ramo de saudades!

(inedito)

DELINDA SILVEIRA.

Florianopolis.

ist. silencioso
feste de outros dias!
lhos, harmonias
um porvir ditoso.

celeste gozo
simples alegrias

esperança e fé nas romarias
dos peregrinos do Ideal formoso...

Oh! como é triste!... Coração fechado,
Templo de amor agora abandonado
No silencio das grandes solidades,

Romeiro do passado á tua porta
Venho chorar minha esperança morta
Venha depôr um ramo de saudades.

~~Exercício~~

Arrebatos

O laranjal de flores brancas
Delicioso abrigo me offerece,
Nessa gentil capella de navios
Esqueço o mundo que de mim se esquece.

Escuto a voz de carinhosa prece,
Refrigerante ar passa aromado,
N'um brilho d'aura a matia resplandece
São canções de amor; o sol é miado.

Na paz da solidão, o' hora amiga,
Nesse mysterio que a mim alma abriga,
Da Phantasia nos dourados vãos.

Minha alma ascende ao plácido infinito
E me enlevo dum sonhar bemdito,
Perto, mais perto sinto-me de Deus!

Meditando.

Vejo este mar profundo e magestoso,
Ora sereno, e ora embravecido
Ora lambendo a praia, carinhoso,
Ora a cuspir-lhe a espuma enraivecido.

Quero-lhe as vagas em ferêz bramido,
Quero-lhe as ondas em rumor queirisco,
E nelle vejo o céu d'azul vestido,
Ou do procello o manto luctuoso.

E, vendo-o sereno, e recolhido, penso:
— Oh, como se assemelha ao mar immenso
Este outro mar a que chamamos — vida!

E parece-me ver a altiva divina
Que nos sustenta, nos aponta e ensina
O porto onde a esperança tem guarida!

CONFIDENCIA

Vem, tu, commigo, e pelo campo, e vamos,
Antes que o sol doirandó aquelle outeiro
Venha, com settas d'ouro, prasenteiro,
Novas flores abrir nos verdes ramos.

De amor toda a delicia que sonhamos
N'este ineffavel sonho, feiticeiro,
Da Natureza do despertar fagueiro
Hemos de achal-a aqui onde a buscamos.

São corações plenos de magua e affectos
Estas boninas onde dormem insectos,
De onde orvalhos cáem e fogem arômas.

E da manhã á sussurrante colina
Ouvirás o segredo da minh'alma
Gemer, da matta no rumor das cômas!

Delminda Silveira.

Meditando ao luar

(INÉDITO)

Há quantos seculos já, placida, airosa,
esta lua, esta mesma, peregrina,
por estes bosques, prados e collina
não estende o seu véu de luz mimosa !

E ainda, quantas vezes, tão saudosa,
a vagar pela abobada azulina,
a serra, o valle e a fonte crystallina
hão de assim vel-a, pallida e formosa !

Passam as gerações, passam-se as éras,
nascem, morrem, revivem primaveras,
vêm e vão-se o estio, outomno, o inverno,

E prosegue em seu curso a Natureza,
attestando em prodigios de belleza
o grão poder de um Ser divino, eterno !

Delminda Silveira

5 DE ABRIL DE 1920

Borboletas

Entre botões de rosas desbrochantes
Ellas vão-se, ellas vêm desoccupadas,
D'aromas e doçura embriagadas
Ao sol abrindo as azas palpitantes.

Sobre a relva scintillam diamantes
Rubis, topasios, verdes esmeraldas,
E as borboletas voam fascinadas
De flôr em flôr, ligeiras, inconstantes.

Assim, no peito, a rubra flôr humana
Abre a esperança que a engana
Aos sonhos de dulcissima illusão;

Mas como as borboletas irriçadas
Vão-se também as illusões douradas,
Espinhos só restando ao coração !

Do "Indelezível"

Delminda Silveira

CORYMBO

LEMBRANÇA

Ao terno e amantíssimo coração de Revocata H. de Mello.

Passando, dia a dia o Tempo escôa
Da Vida as horas turvas ou serenas;
Vida! origem das dôres e das penas
Tyranna sejas tu ou sejas bôa.

Quando o vagido d'um infante sôa
Ancias mudando em sensações amenas;
Quem lembrará que — a Dôr — revela, apenas,
A debil vóz que, ali, no lar, echôa?

Vida! — que és cheia sempre d'illusões,
A torturar sensíveis corações, —
Cães, grão á grão, do Tempo n'ampulheta!

Tu para mim só tens — realidades
E's o pranto, és as magoas e saudades...
Saudades de Romeu... de Julieta!...

Florianópolis, 27 de Dezembro de 1928.

DELMINDA SILVEIRA

penetrei n'uma abo-
rrevada de myria-

GENTILEZA



Da distinta poetisa catharinense d. Delminda Silveira, recebemos, para publicar neste organ, o lindo soneto abaixo e outros versos, que publicaremos noutra edição, acompanhados de gentilissimo cartão, em que a illustre belletrista coestadana diz: «Muito grata, saúdo o TUBARONENSE, desejando-lhe brilhante trajectorya de luz e flores na imprensa catharinense».

NUM DIA DE CHUVA

Vem contemplar commigo a Natureza
Sob este véo de lagrimas espesso :
Onde das rosas a gentil belleza ?
Onde o amor do beija-flôr travesso ?

A chuva cãe em turbido arremesso ...
Do Céu não vejo a ideal turqueza ;
Serras e mar envoltos na tristeza ...
Meu coração de magoa e tédio oppresso.

Ninhos desfeitos, flores desfolhadas,
Aves fugindo, e o vento nas quebradas
A perpassar, nas frondes a gemer ...

E tu, ó Sol, não vens meigo, piedoso
A ave, a flôr, o ninho melindroso
Com teus affagos tepido aquecer !

DELMINDA SILVEIRA.



(INEDITO)

*A brisa pelas mattas rumoreja
vozes suaves que repete a fonte;
um ar sereno, da planície ao monte,
mais puro e grato a Creação bafeja.*

*Dormita o mar...é limpido o horizonte
e o céu azul; no solo que verdeja
há um sonhar d'esp'rança bemfazeja
como o sorrir de um dia que desponte.*

*Paz!...O' visão celestial amada!
Vem, que t'espera a terra angustiada
no padecer de atroz anciedade...*

*Vem transformar num hymno d'alegrias
os soluços, os prantos e agonias
da miseranda, exausta humanidade!*

Delminda S Ivoira

A TARDE

(Inédito)

O' bella tarde! O' meiga inspiradora
dos versos meus, do meu seismar saudos
— vem reviver o sonho venturoso
das minhas doces illusões de outr' ora!

Bendita sejas tu, solemne hora
de prece e amor, de lágrimas e gozo,
que da saudade o bálsamo piedoso,
ao coração me vens trazer agora!

Vendo este céu de rosas semeado,
de brancos crysanthemos cheio o mar,
e na terra os encantos d'um noivado,

Vôa minh'alma, em placido sonhar,
a um paiz ignoto, perfumado,
onde se deve o meu Ideal achar!

(Dos «Indeleveis»)

Delacinda Silveira

INFLUXO BEMDITO

Um dia, quando os lizes da innocencia
Cingam ainda minha fronte pura,
nesse conchego doce da ternura
de um anjo boim, meu guia na existencia,

— "Minha mãe, eu lhe disse, na cadencia
d'esta phrase tão cheia de doçura;
eu souhei que a uma pobre creatura
dêra o meu pio, pensá-a-lhe a indigencia."

Então ella, beijando-me e sorrindo,
como cercada d'um reflexo finto,
exclama: — "O' filho, cara! — eis a verdade:

Diz-me o teu sonho que a tu'alma é bella
e que bem viva des-brilha nella. — *Carlo*
uma flor qu'eu plantei: — a Caridade!.."

Delminda SILVEIRA

Arroubos

O laranjal de flôres branqueado,
Delicioso abrigo me offerece;
Nessa gentil capella de moivado
Esqueço o mundo que de mim s'esquece,

Auto a voz de carinhosa prece...
Rigerante ar passa aromado...
O brilho d'ouro a mata resplandece,
Em canções de amor; o sol é nado!

A paz da solidão, á hora amiga,
Esse mysterio que o meu ser abriga
Phantasia nos dourados véos,

Ah! alma ascende ao placido infinito,
No enlevo d'um sonhar benedito,
Mas perto sinto-me de Deus.

Delminda Silveira

No campo

Ar perfumado por silves tres flores,
Sombras amenas de virentes franças,
Mil tropadeiras e jas verdes tranças

onde corymbos

Partes corymbos pendem, multicores ;

Fructos e ninhos, lédos beija-flôres,
E borboletas, cantos d'aves mansas,
Murmúrios d'agua, tenras esperanças
No solo arado pelos lavradores ;

Como tudo isso é grato e bomfazejo !
Que instantes eu teria, deleitosos,
N'esse Eden onde vaga o meu desejo !

Onde eu quizera, em dias venturosos,
Feliz gosar quanto nos sonhos vejo,
E morrer a sonhar mais puros gosos !

Florianópolis.

DELMINDA SILVEIRA

mil

e beija-flôres

mil

em virentes franças

onde em corymbos pendem multicores

Preces...

Ave, Maris Stella!

Almas doridas, almas afflictas,
Por este valle de dôr prostradas,
Preces ferventes, preces constrictas,
Orae, serenas, de fé banhadas.

Calem-se notas ledas, festivas ...
Funda tristeza paira nos ares;
As roxas flôres das magoas vivas
Abrem no horto dos tristes lares.

Auras que descem do céu á terra,
Fazem gemidos, trazem quebranto;
Nuvem sombria que o mal encerra
Passa, vasando chuvas de pranto!

Mas sobre a espessa, vasta negrura
Dessa tormenta desencadeada,
Brilha uma Estrella mystica, pura,
Meiga, piedosa, immaculada.

Preces constantes, férvida prece
De amor extremo que em fé palpita,
Nem um só dia noss'alma cêsse
De erguer á Estrella do céu, bemdita!

Maris Stella! Ave, Maria!
Vinde, piedosa, vinde salvar-nos!
E' longa a noite, escura e fria ...
Maris Stella, vinde guiar-nos!

Porto de crenças, seguro porto,
Pharol divino mostra-nos, pia;
Dos tristes lares, em cada horto,
Semêa flores, Virgem Maria!

D'aurora á tarde, da tarde à noite,
No ar, na terra e sobre as águas,
Suspenda o archaço de Deos o açoite,
Virgem das cores, por tuas magoas!

Florianopolis - 1921.

DELMINDA SILVEIRA.

Em horril confusos
Contactos singulares! Curo de sustento
Mato-me a oferecer, elevam-me a
Em ^{irracional} ~~irracional~~ infernal fermentos.

A' CRUZ

*O, Cruz piedosa! — Symbolo bendito
das magoas todas, symbolo que adoro,
tu, que nas campas te ergues dos que choro,
e a cuja sombra timida medito,*

*Deixa ao meu coração saudoso e afficto,
pelas lembranças ternas que deploro,
verter o pranto com que a dôr minôro
d'esta saudade vinda do Infinito !*

*Recebe, nos teus braços estendidos,
onde os orvalhos lá do Céu descidos
vêm pousar ao cahir da noite calma,*

*Recebe, nessas horas carinhosas,
as doloridas lagrimas saudosas,
que cahem do seio triste da minha alma !*

breve côm 100 versos
Delminda Silveira

MÃE

*No proprio lar a vi; meiga, singela,
pelos filhinhos tenros rodeada,
lembrava a Virgem Mãe Immaculada,
no santuario de gentil capella.*

*Oh ! nunca eu vira da Madona bella
copia mais pura e fiel esculpturada,
Nem, jamais, sobre altar, emmoldurada
de diamantes, em preciosa téla !*

*Louros anjinhos de rosadas faces,
— celestes cherubis, meigos, vivaces,
lhe davam beijos, lhe atiravam flores.*

*E ella sorria, o céu azul titando,
nesse sorriso que, a divinizando,
faz da mulher o anjo dos amores !*

Delminda SILVEIRA

NOITE DO NATAL

Vae a noite linda, semeando estrellas,
N'um azul profundo pelo firmamento;
Ha mysterios santos nos fulgores d'ellas,
Ha segredos puros no rumor do vento.

Açucenas brancas derramae perfumes...
Que luar estranho... que luar bemdito!
Vagam pelos campos scintillantes lumes,
Descem pelo espaço vozes do Infinito.

Murmurantes aguas ao cahir na fonte
Um poema cantam d'innocencia e amor;
Pelas rudes choças d'esde o val ao monte,
Não se escuta franta de gazil pastor.

Como a noite é bella! Como a noite é fria...
Rumoreja o vento pelas altas cômas.
Ha nos ceos, na terra mystica harmonia,
Sóbe o doce incenso d'espíraes d'aramas.

Ovelhinhas mansas pelo val perdidas,
Ovelhinhas mansas não vós affasteis!
O pastor vos chama: vinde, reunidas,
No redil amigo todas dormireis.

Vae a noite em meio... que fulgor estranho!
Lá na herdade o gallo já desperto, canta;
Ovelhinhas mansas do feliz rebanho,
Ha no vosso aprisco claridade tanta!...

Sobre a mangedoura, do maduro trigo
Como as seccas palhas resplandecem bellas!...
Que mimoso infante foi buscar abrigo
Entre as ovelhinhas, lá no poiso d'ellas!...

Como a noite é bella! rumoreja o vento...
Terna Mãe formosa, como a noite é fria!...
N'esse manto lindo como o firmamento
Teu filhinho envolve 'té que venha o dia.

"Gloria nas Alturas! Gloria a Deus Senhor!
Paz na terra aos homens de boa vontade!"
Cantam em côro os anjos pelo val em flôr,
Cantam em côro os anjos pela immensidade.

Com elles cantando, pastorinhas, vamos
Ao presepio lindo — todo aroma e luz;
"Gloria a Deus n' Altura, nós tambem cantamos,
Paz na terra aos homens que nasceu Jesus!"

Delminda SILVEIRA

Dezembro de 1926



O NATAL

A estrella mais gentil, a Estrella do Oriente
Nós valles de Belém derrama a luz fulgente;
E o berço de Jesus os raios seus aquecem,
Como prateas d'ouro as palhas resplandecem.

Adoram-n'o os Reis, e o divinal Jesus
Repousa n'um altar de flôres e de luz:
E do anjo ao pastor, ao irracional,
Um culto se levanta ao Infante immortal !

Gloria nos Céos a Deus ! Paz aos homens na terra !
Eis o hyno de amor que vae de serra em serra.
Dil-o o boi, a ovelha em tremulo balido
E o gallo festival no canto repetido !

Salve !—O' Dia bemdito, inolvidavel Dia
Em que nasceu Jesus,—o Filho de Maria !
Humilde e pobre qual humilimo pastor,
—Elle!—o Deus immortal! Elle!—o Deus Redemptor!

Delminda SILVEIRA.

A IMMACULADA

*Essa mulher formosa e tão singela,
tão casta como o lírio da campina
que a innocencia tem d'uma menina
e o pudor da mais candida donzella,*

*Essa senhora majestosa e bella
que tem de mãe a Rainha divina,
em cujo peito — Amor — com mão ferina
cravou-lhe a espada que sua Dôr revela,*

*Essa Virgem cercada de mil flôres,
essa Santa d'estrellas corôada,
essa Rainha em throno d'esplendores, —*

*Quem é? — tão linda e tão abençoada!
Quem é? — tão pura e digna de louvores...
— E Maria! E Maria a Immaculada!*

Delminda Silveira

CORÔAS...

(No dia de finados)

*Caem da Dôr as perolas mimosas,
Branças cidades d'alma a roejar,
Nessas grinaldas mysticas, piedosas,
Que vão das campas sobre a Cruz marchar.*

*Soltam corações affectuosos
Nenias de amor, em triste suspirar,
E doloridas almas, carinhosas,
A' sombra dos eyprestes vão chorar.*

*Mas, de que servem lagrimas e flores
Aos que, dos sonhos vão, enganadores,
Deixaram, para sempre, as illusões?*

*O' vós que visitaes o cemiterio,
C'roas levae... c'roas do refrigerio
Das vozes puras, santas orações!*

Delminda Silveira

Branca de neve.

És a mais linda flor, rosa-Branca de neve;
Noiva pallida assim só ^{minha} irmã querida
Tu vi, n'um leito azul, extinta para a vida,
Extinta para o amor que aqui na terra teve.

^{de amor}
Branca rosa gentil, tua existencia breve
Eual a da virgem foi a ^{campa} ^{recollida} ^{adorn}
Ella, ao beijo letthal da morte, esvaecida, ^{adorn}
E tu, da viração desfeita ^{de} ^{sopro} ^{leve}
^{vela} ^{em}

Rosa branca de amor, mas ^{para} ^{tenha} ^{per} ^{fume},
Essa alma de flor que em si ^{tem} ^{toda} ^{resuma}
O amante coração a fi' que não morre,

Como a essencia immortal, chive ^{em} ^{no} ^{alma}
Do eterno sermão ^{após} ^{tem} ^{na} ^{doce} ^{calma}
Uma espiral de luz ^{que} ^{sube} ^{ao} ^{Céo}?...
^{para}

de mello

DE MELLO

MAYO DE 1928

NUMERO 312



SAUDADES

os altos e de-
fundada con-
pena consien-
da no mais puro
posta ao servi-
ade resolula da
inteligencia forma
caracter dos seus
volve e aperfeçoa
força da respecti-
me — as suas natu-
generosas contri-
progresso moral e
unidade.
por estas conside-
mente considera-

A saudosa memória d' Julieta de Mello
Monteiro:

Para a exte-mosa, querida e triste irmã
Reverata Heloisa de Mello:

O pungitiva, intermina saudade
Das minhas tristes horas companheira,
Voz do passado, desde a flor primeira,
A ecoar em minha solidade.

Vem trazer-me o conforto a aniedade
Em que deixei a morte traço-eira
Meu coração, a minha vida inteira
A ultima flor, colando d' Amizade!

Bem-dita sejas tu Consoladora,
Terna saudade!... Pungitiva, embora,
Nos sonhos vens acalentar-me a dor!

Entre as flores tu és a Flor do Poeta:
Saudades, vinda do túmulo de Julieta
Cobrir nos sonhos do fraterno Amor!

Delminda Silveira

Majo de 1928
Santa Catharina

O Caçador

(INÉDITO)

— Não mates, não, a rosea colhereira
— O tronco na raiz pousada;
ella tem coração... talvez, amada,
viva no encanto da illusão primeira!

Do carcomido tronco, alvicaireira,
é ella a flor gentil, abençoada;
elle vergou aos golpes da lestada...
ella ameiga-lhe a hora derradeira.

Oh! não a mates, não!... Pensa que
assim ferir um coração qu'exprime
tanto amor, tal meiguice e piedade!...

Desvia o tiro o caçador, pensando
qu'elle também de amor vive sonhando
numa doce illusão de felicidade!

Delminda SILVEIRA

a colhereira
raiz pousada!
ros, amada
e illusão primeira!

Do carcomido tronco, alvicaireira,
é ella a flor gentil, abençoada;
elle vergou aos golpes da lestada,
ella ameiga-lhe a hora derradeira.

Oh! não a mates, não!... pensa que é crime
Assim ferir um coração qu'exprime
tanto amor, tal ternura e piedade!

Desvia o tiro o caçador, pensando
qu'elle também de amor vive sonhando
numa doce illusão de felicidade.

Carinhos

E tu me dizias assim: - Toda de branco
Funto de ti, meu Artista amado,
Olhando o Céu azul e o mar dourado
Quando o sol beija da montanha o planície

Não jardins entre rosas, tosco banco
Que me dê esse o repaio desejado,
E tu, pintor da Natureza, ao lado,
Enchendo a tela desse quadro franco:

O que mais desejar? - Mas, tu, sorrindo,
Me respondeste: - E crês que ao teu artista
Prendesse o olhar aquelle quadro lindo

Quando finto de ti, contigo à vista,
Nos teus olhos teu doce amor penetrando,
Dum beijo, só pensasse na conquista?

Confidência,

Vem, tu, comigo e pelo campo, vames,
Antes que o sol doirando aquella outureira,
Venha, com setten d'ouro, phazenteiro,
Novas flores abrir nos verdes ramos.

De amor toda delicia que sentamos
Neste ineffavel sonho pitocciro,
Da Natureza ao despertar fagueiro
Florimos de achala, aqui, inde a buscamos.

São corações plenos de mágoa e affecção
Essas boninas onde choram insectos,
De onde o cavallo uxe e fogem aromas,

E, ~~da~~ ^{da} montã a' sussurrante calma,
Ouvirás o segredo da minha alma
Já me, das matas no rumor das cimas!

Esperança

Desce do Céu e vem, sempre que o pranto,
Inunde coração, na dor pungente:
Bem como estrella da manhã nascente
Das trevas vem romper o negro manto.

Desce do Céu e vem trazer-me o encanto
Do teu sorriso ideal, benéfico;
Oh! vem dizer-me qu'esse Deus clemente
A cada dor tens um remédio santo!

Doce Esperança vem! Contigo, o mundo,
Embora seja um cháos, um mar profundo.
Um val' de pranto e dor e desconforto,

Sempre terá, no meio dos horrores,
Risonho Oasis de mimosas flores,
Um fanal, uma luz, um guia, um porto!

Delminda Silveira

Florianópolis,

ESPERANÇA

Desce do Céu, e vem, sempre que o pranto
inunde corações, na luta ingente;
bem como a estrella da manhã nascente,
das trevas vem romper o negro manto.

Desce do Céu, e vem trazer-me o encanto
do teu sorriso ideal, benéfico;
oh! vem dizer-me qu'esse Deus clemente
a cada dor tem um remédio santo!

Doce Esperança, vem!...Contigo, o mundo
embora seja um cháos, um mar profundo,
um val de pranto e dor e desconforto,

Sempre terá, no meio dos horrores,
risonho oasis de mimosas flores,
um fanal, uma luz, um guia, um porto

Delminda Silveira

Meditando ao luar

Ha quantos seculos já sempre formos,
Esta lua, esta mesma peregrina
Pôr estes montes, fozas e collinas
Vem estenda ^o seu véu de luz mimosa.

E ainda quantas vezes, tão graciosas
At vagar pela alva lada azulina
At Serra, o valle, a fonte crystallina
Hão de assim ~~vê-la~~ pallida e saudosa,

Passam-se gerações, passam-se Eras
Nascem, morrem, revivem ^{EP} Primaveraes
Vem e vão-se o Estio, o Outono, o Inverno,

E prosegue em seu curso a Natureza,
Attestando, em prodigios de belleza,
O grão poder d'um ser divino eterno.

Malvaico

Crancas

Fernado

A. m. d. g.

A. Tra

Corias

Bar

Water

Somando

"No. procures salu..."

Magado

Arthur L. Espino

Finados...

Debram os sinos... Quanta tristeza,
Quanta saudade vindas de Alim!...

Ali parece que a Natureza
De pura mágoa chora também!

Caiem dos ares, lá derramadas,
Lágrimas trestes por sobre a terra;
- Perlas d'alma & crystalizadas
Enchem o campo, cobrem a terra.

Quem sabe?... almas, que Alim, partiram,
Neste momento lá chorarão?...
Outras que em vida dores curtiram,
A paz eterna já fôrão?

Cobrem-se as campas de tantas flores...
Lágrimas correm por tantos lares...
Alum saudades que avivam amores...
Morem vivos, nascerem peixeres...

E as almas idas pedem aos vivos
Por sobre as campas deixem cair
Dos seus rosários os fenitíros
E - Ave Maria - lhes fôr sentir!

Aos bós piedosos todos mandemos
Preces unidas de fôr beneditas;
Murchem as flores... mas nós teremos
Nas flores alma vida infinita!

Debram os sinos... Quanta tristeza!
Quanta saudade vindas de Alim!...

Ali parece que a Natureza
De pura mágoa chora também!

Almida Silveira



$$\begin{array}{r} 18 \\ 9 \\ \hline 182 \end{array}$$

18

$$\begin{array}{r} 43 \\ 15 \\ \hline \end{array}$$

28

15

20

13

48

$$\begin{array}{r} 4500 \\ 1500 \\ \hline \end{array}$$

19500

Theresa
(de comidita)

48
18
24

$$\begin{array}{r} 43 \quad 12000 \\ 234500 \\ \hline 20 \quad 7000 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 15 \\ 11 \\ \hline 26 \\ 15 \\ \hline 161 \end{array}$$

